

## Entrevista com Rubem Alves<sup>1</sup>

*Antônio Vidal Nunes<sup>2</sup>*

**Vidal Nunes** – Qual a relação entre corpo, inconsciente e linguagem?

**Rubem Alves** – Inconsciente é a linguagem sem palavra do corpo. Roland Barthes tem uma frasezinha curta, que diz: “meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”<sup>3</sup>. Quais são as ideias que eu tenho? São as ideias do consciente. Mas há ideias que moram no lugar do silêncio, ou num lugar sem palavra que é o corpo. Tanto é que essas ideias, não tem jeito de dizê-las diretamente. Todas as ideias que moram no meu “eu” podem ser ditas diretamente. Quer dizer, é o discurso da ciência, elas podem ser testadas diretamente. As entidades que moram no corpo, estas não podem ser ditas conceitualmente; a única forma de dizê-las é a poesia, que na verdade não é um dizer, mas um sugerir. Então, para mim, quando digo corpo, estou me referindo ao inconsciente, ou seja, ao lugar onde moram estas ideias.

O interessante é que Nietzsche vê assim essas ideias ou imagens que moram no corpo. Só que, para Nietzsche, o inconsciente é muito alegre, é um palhaço, é um brincalhão, um safado. Na verdade, eu diria que, para ele, o inconsciente é uma mistura de poesia e “palhacisse”.

---

<sup>1</sup> Esta entrevista ocorreu no dia 06 de julho de 1998, na cidade de Campinas, em um momento inicial das minhas pesquisas sobre o pensamento do entrevistado.

<sup>2</sup> Antônio Vidal Nunes, doutor em educação (Universidade de São Paulo – USP), é professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>3</sup> Cf. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 25

**Vidal Nunes** – E os impulsos destruidores?

**Rubem Alves** – Para Nietzsche, se eu o entendo corretamente, o impulso de destruição é um impulso para a criação. Para ele, a grande questão é a criação. Você tem que ter irrupção vulcânica para criar tudo de novo. Então a questão no *tânatos* freudiano não é destruição. Não vejo em Nietzsche destruição. Ele fala da quebra de valores. Vou dar um exemplo. No início de *Zaratustra*, em que fala daquela metamorfose do espírito: primeiro tem o camelo, que vira um leão e que depois mata o dragão. Mas por que mata o dragão? Porque deve passar por uma metamorfose, o leão tem que virar criança<sup>4</sup>. Toda destruição é um processo de parto, em que se dá luz ao homem transbordante, que, segundo eu entendo, é igual a uma criança, ou igual a Dionísio. O homem transbordante de Nietzsche é igual a uma criança. A destruição é condição da criação. Destruir por quê? Porque as coisas que foram criadas pelo passado vão se sedimentando e tornando-se sepultura. Lembra que Barthes<sup>5</sup> falou que estava esquecendo tudo? Segundo ele, tudo foi se sedimentando.

O problema do corpo para Nietzsche não é tanto no sentido freudiano de repressão. São as sedimentações da cultura que vão se colocando em cima das pessoas, formando uma camada em cima da outra, até você esquecer quem é. Aí você tem que se arrebetar para ser o que é.

**Vidal Nunes** – Você se identifica plenamente com Nietzsche?

**Rubem Alves** – Para dizer a verdade, não vejo onde eu brigue com ele. Há um texto que ele escreveu, *Ecce Homo*<sup>6</sup>, que fala sobre as origens da sua filosofia. No referido livro diz que sua filosofia nasceu da doença. As pessoas concluem daí que a filosofia dele é doente, mas é exatamente o oposto. Como ele mesmo diz, foi justamente quando estava doente, enfrentando as possibilidades de perda de todas as ideias, de vontade,

---

<sup>4</sup> Rubem Alves faz referência à *Metamorfose do Espírito*, que se encontra no início do livro de Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*, trabalho bastante citado em seus escritos.

<sup>5</sup> Roland Barthes (1915-1980), importante pensador Francês. Dois de seus livros eram muito apreciados por Alves: *Aulas (Cultrix)* e *Fragmentos de um discurso amoroso* (Francisco Alves, 1985); *O prazer do Texto*.

<sup>6</sup> Este livro Nietzsche escreveu em 1888, quando tinha quarenta e quatro anos. Nele, o autor fala de si mesmo, de suas ideias, de sua vida. Foi lançado pela Companhia das Letras em 1995.

de poder, que descobriu a beleza. O que é a doença? É a perda de poder. O conceito de vontade de poder não é político, é biológico, psicológico. Doença é quando você vai perdendo o poder e, com isso, o corpo vai perdendo sua capacidade de ficar junto. A perda total do poder é a morte, porque você não consegue ajuntar as coisas. Quando ficou doente, ele se deu conta que a vida é maravilhosa, de que tudo é lindo. A fraqueza do corpo fez com que produzisse uma filosofia que tem por objetivo exatamente lutar para que o corpo seja forte – vontade de poder sensível.

Às vezes dizem, com respeito ao meu trabalho: este é um psicólogo. Mas você encontra a mesma coisa em Marx. Escrevi um capítulo sobre Marx para educadores. O início do pensamento de Marx contra o capital parte disso: como o corpo é feliz? Ele então fala sobre os sentidos, faz comparações entre seres humanos e animais: os animais comem, comem, comem, e os seres humanos desenvolvem sensibilidade. Para ele, a desgraça do capitalismo é que, na sua lógica, não existia lugar para a erótica dos sentidos, pois tudo ficou reduzido ao quantificável<sup>7</sup>. Com relação a essa questão do corpo, a sua origem, pelo menos para mim, não é filosófica. É que o mundo é muito bonito. Estamos em relação com o mundo, e toda mediação se dá através dos sentidos. Eu já dizia isso na minha tese de doutoramento. Falei inclusive que o pecado do revolucionário é precisamente ele transformar o corpo em um instrumento de revolução. A dimensão erótica do corpo é eliminada, e você se submete a todo tipo de sacrifício pela causa.

Eu tenho a impressão que a diferença entre Nietzsche e Freud é que o segundo era totalmente reprimido, era um intelectual. Não posso imaginar Freud fazendo uma brincadeira, uma safadagem qualquer. Ele era grave até mesmo ao contar piada. Contava uma piada intelectualmente. Nietzsche não, ele era o contrário.

**Vidal Nunes** – Freud se apoiava em uma racionalidade questionada pelo próprio Nietzsche?

**Rubem Alves** – Exatamente. Aquilo que Nietzsche descobriu e louvou, Freud descobriu e disse: cuidado! Em *Futuro de uma ilusão*, por exemplo, o ideal de Freud é o do cientista que sabe controlar suas emoções.

---

<sup>7</sup> Cf. *Livro sem fim*. Loyola, 2002, p. 119-128.

Nos escritos de Nietzsche o cientista é constantemente objeto de sarcasmo. Nietzsche é um gozador: “Eu sou Dionísio, eu toco flauta!”, diz ele.

**Vidal Nunes** – Necessidade e vontade coincidem em sua reflexão?

**Rubem Alves** – Na necessidade não tem decisão. Eu tenho necessidade de comer, de fazer xixi, de respirar... elas são compulsivas. Pela necessidade eu pertenço ao mundo da natureza, é ela que me liga ao mundo da natureza. Mas a vontade, não. Nada me obriga a ter vontade de voar, ser um Ícaro. Isso não é necessidade, nada me obriga a ter vontade de escrever um poema. A vontade me tira do campo da necessidade. Pela necessidade eu sou ser da natureza, pela vontade eu sou um ser da liberdade, do mundo, da cultura.

**Vidal Nunes** – É a vontade de poder?

**Rubem Alves** – Bem, estou pensando num corpo doente, ele está submetido à trama da necessidade daquela situação. Mas existe aí algo que é imponderável: há uma pessoa que não quer mais viver, não tem mesmo vontade de viver, e há outra pessoa que tem vontade de viver.

Ontem um moço – filho único – contou-me de uma experiência dele com a mãe. Ela foi abandonada pelo marido quando ele tinha seis anos de idade. Ficou sozinha com o filho. Ela era professora e, justamente com três colegas pegaram pleurisia, doença para a qual não havia remédio. Ela disse: Fulano e beltrano morreram, mas eu tinha você, não podia morrer. Na verdade a vontade de poder é alguma coisa maior do que a necessidade. Na necessidade você abandona a sua condição. Eu sugiro que você leia o texto de Nietzsche sobre Tales de Mileto<sup>8</sup>, nos pré-socráticos, em que ele faz a distinção entre o sábio e o cientista. Na realidade ele não fala sábio, mas filósofo, contudo queria dizer sábio. Quando ele fala sobre filósofo usa o termo relativo a sábios: Sísifo, sapiens, todos relativos a sábio. No caso do sábio, o conhecimento sempre está a serviço da vida. Ou seja, o conhecimento tem duas funções para Nietzsche: uma função é a de viver. O conhecimento tem que me dar instrumento. Eu estou sofrendo, estou em perigo, o corpo pede o conhecimento da inteligência, a pequena razão: saber para não morrer. Mas, quando esta situação não existe mais, o corpo pede à inteligência o saber de como ter prazer. Então, todo conhecimento é algo abstrato, ele não está a serviço da vida, está a serviço do

<sup>8</sup> Cf. Tales de Mileto. Col. Os pensadores Vol. 1. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1989.

conhecimento em si mesmo, e não tem, portanto, condição de fazer discriminação sobre o que é importante e o que não é importante.

**Vidal Nunes** – Você fala de vários jogos, inclusive o da ciência, que considera importante. Quando ela deve ser criticada?

**Rubem Alves** – Quando a ciência está a serviço da vida, está dando resposta para os problemas que a vida coloca. A vida determina a agenda da ciência, mas a ciência pode alienar-se. E como isso se dá? Quando a ciência adquire autonomia e não responde mais à agenda que foi colocada pelo corpo. Nestes casos, a ciência fica um sistema autônomo. Pode acidentalmente atender às demandas do corpo, mas nada a obriga, pois é o conhecer pelo conhecer. É o mesmo método, o mesmo jeito de investigar a realidade. Só que, em um caso, é uma ferramenta nas mãos de quem quer viver; em outro, é uma ferramenta em um contexto em que viver não dá agenda. O que dá agenda é conhecer. No caso da ciência especificamente, o que dá agenda é você publicar nas revistas internacionais.

**Vidal Nunes** – Você fala da legitimidade de um ideal de verdade na ciência, mas constantemente está a criticá-lo.

**Rubem Alves** – Primeiro ponto: Popper, na *Lógica da Investigação Científica*, diz que o ideal clássico de verdade provou ser um ídolo. Não há mais na ciência aquilo que podemos chamar de verdade. O que temos são palpites provisórios, e somente este fato faz com que a ciência esteja constantemente sofrendo transformações. Segundo ponto: a minha crítica a respeito da questão da verdade não é uma crítica à verdade, mas a como ela se insere num tipo de ideologia, que é a seguinte. Uma das ilusões do Iluminismo é pensar que nós somos seres racionais. O que significa isto? Significa que, na lógica iluminista, quando você sabe a verdade, você faz a verdade. Kant é um exemplo disto, mas ele descobriu que este era o problema. Como é que sabemos qual é a verdade moral? Aí é que vem a contribuição de Freud e Nietzsche. Nós somos seres de amor. Neste último artigo que escrevi para o Roberto Marinho<sup>9</sup>, o que

<sup>9</sup> Trata-se de uma crônica escrita por Rubem Alves, dirigida a Roberto Marinho, presidente da Rede Globo, que foi publicada no jornal *A Folha de São Paulo* em 17 de Fevereiro de 1977.

me interessava não era estabelecer um corpo de verdades, mas seduzi-las para um projeto humano de construção do mundo. A primeira coisa para seduzir as pessoas não é a verdade. Dizer que um cigarro produz câncer não faz a pessoa parar de fumar. O que seduz a pessoa é a beleza. Então, a minha crítica à questão da verdade é a crítica a uma antropologia. Toda a nossa educação é baseada nisso, ou seja, que o bom é derivado do verdadeiro. Se você sabe a verdade, se você tem informação científica, o corpo vai agir de acordo com o verdadeiro. Não acredito nisto, acho que o corpo age por amor, quando é seduzido.

Gaston Bachelard diz que, na ordem da filosofia, só se convence abrindo a avenida dos sonhos fundamentais<sup>10</sup>. Mas o que é sonho? Sonho por definição não é verdade, mas tem a ver com uma coisa que não existe. O sonho é uma imagem que é mantida pelo poder do amor e da vontade. É exatamente isto que se aposta no sonho. Minha questão é uma questão antropológica. Quando eu estou educando, o que eu quero fazer? Dar a verdade para meus alunos? Por que eu preciso dar a verdade para eles? Pela mesma razão que, se você for ensinar alguém a ser marceneiro, tem que dar serrote, martelo, prego; são ferramentas. A verdade é uma ferramenta. Essa é a questão de Santo Agostinho. Agostinho fala de duas ordens: a ordem da utilidade e a ordem da fruição. A ciência está na ordem da utilidade. E a perturbação humana ocorre quando se inverte a ordem. A ciência tem que ser sempre da ordem da utilidade, ou seja, ela tem que estar subordinada à ordem da beleza, do prazer, da alegria.

**Vidal Nunes** – Como é que o intelecto se volta contra o corpo?

**Rubem Alves** – Você poderia consultar o Whitman<sup>11</sup>. Para ele, a alma é apenas uma coisa do corpo. Nietzsche dizia que o corpo é a grande razão.

---

<sup>10</sup> Alves gostava muito do Gaston Bachelard (1884-1962), dos seus escritos poéticos. Um dos escritos que ele mais admirava era *A chama de uma vela*. O pensador francês é muito conhecido no Brasil pelos seus trabalhos na área de filosofia da ciência. Em vários momentos Alves manifestou sua admiração pelo pensador citado em virtude da sua facilidade em transitar pelo universo poético e científico de forma fácil, ou seja, de trabalhar com a linguagem rigorosa e poética ao mesmo tempo.

<sup>11</sup> Walt Whitman (1819-1889), poeta americano que Alves muito apreciava. Em um grupo de leituras poéticas, organizado por Rubem Alves, que acontecia em sua casa, na cidade de Campinas-SP, sempre estava a ler poemas de Whitman.

A pequena razão é a inteligência, é uma ferramenta e um brinquedo da sua grande razão. O que acontece conosco é que a inteligência é um órgão que o corpo desenvolve, é parte do corpo. O corpo tem mãos, olhos, pernas, e tem um negócio chamado inteligência. Imagine uma situação histórica em que a mão assumisse autonomia e começasse a ter ideias próprias e fazer coisas que a razão não gostasse. Imagine se o pênis adquirisse ideia própria e começasse a fazer evoluções contra a vontade da razão. Imagine se a mão começasse a fazer coisas do tipo pegar uma faca para se apunhalar, dar bofetada...

A inteligência pode fazer isto, pode submeter o corpo à obediência, pois existe a possibilidade da repressão humana. Vamos imaginar que há uma revolução acontecendo com o corpo: aquilo que era servo fica senhor. Pensamos a partir de algo bem primitivo. Quando você está na sua relação com a natureza, o pensamento naturalmente vem em resposta aos desafios das situações: como vou pegar o pássaro, como vou pescar. Aí o intelecto está sempre a serviço da vida. Com o desenvolvimento da civilização começou, como lembra Marx, a ocorrer uma divisão do trabalho, ocorreu a especialização. De repente, então, você começa a ter instituições que se dedicam só a pensar. O pensamento deixa de ser relacionado só com a vida, e passa a relacionar-se com a sobrevivência dentro da instituição. Esta possibilidade de alienação do pensamento só é possível se você pensar com o contexto institucional. Então, em vez da minha relação ser com a vida, passa ser com uma instituição. Na universidade você vê isso claramente. Por exemplo, o pessoal que vive na Universidade, embora ela seja linda, anda por lá sem se dar conta, sem andar pelo campus, cada um vive os pequenos guetos institucionais: são as querelas institucionais que determinam o caminho do pensamento.

**Vidal Nunes** – Em Nietzsche, o trágico passa pela arte. Com a metafísica, ele cria um mundo ilusório como uma espécie de fuga, de negação da realidade.

**Rubem Alves** – A mente tem uma função consoladora. Ela conta história, conta lorota, para diminuir o sofrimento. A mente é uma produtora de literatura, uma escritora, ela produz. Isto é coisa interessante. Clinicamente, todo mundo quer produzir uma obra literária comovente,

quer que sua vida seja uma obra literária. Uma paciente minha estava dizendo que, no nordeste, as mulheres pobres, todas elas, tem um “script” básico: elas querem fazer uma novela onde cada uma delas sofreu mais que a outra. É um tipo de literatura, então temos deleite. Nietzsche dizia que as palavras são bolhas de sabão, nós temos deleite na produção de fantasias. Isto pode ter duas funções, pode ter uma função alienante, que às vezes é muito ruim, no sentido de você ficar abandonado politicamente, como é o caso da alienação religiosa. Mas, às vezes, é muito bom quando você entra numa obra literária que nada tem a ver com a sua vida. No entanto, aquilo é tão bom que enriquece, abre novas dimensões, de modo que não vou dizer que é alienante. A gente vive as fantasias, e a mente humana tem essa capacidade. Como dizia Mário Quintana: que triste seria o mundo sem a mágica visão das estrelas. Nós não podemos pegar as estrelas... Isto é uma coisa bonita que nos distingue dos demais animais, é que vivemos pelo poder das coisas que não existe, e a mente faz isto.

**Vidal Nunes** – E o surgimento da linguagem?

**Rubem Alves** – Na teoria psicanalista há a sugestão de que, de uma determinada situação aparece a linguagem. A criança está mamando no seio, e esta experiência fundamental satisfaz a sua fome. Desta experiência, ela tem a fantasia de uma situação paradisíaca. Aí o seio é retirado, mas ela está satisfeita. Depois vem a fome e ela não tem o seio, nessa hora ela chora, esse choro primitivo é uma forma de oração, evocando a primeira forma de linguagem. Foi a evocação, por isso, pedindo o retorno de Cristo, volta Cristo, volta seio. Quer dizer, esta capacidade que tem o corpo de sentir a falta e criar um som, que se coloca na falta. Essa é uma função da linguagem, é por aí que ela começa.

Há coisas mais complicadas. Qual o sentido do corpo com a criação da linguagem, por exemplo, no nosso caso? A educação é enrolar o corpo em linguagem. “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo”<sup>12</sup>. A nossa relação com o mundo se dá através da linguagem. O verbo se fez carne.

---

<sup>12</sup> Cf. o livro *Tractatus-Logico Philosophicus* de Wittgenstein. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 245.

**Vidal Nunes** – O passado vivido e interiorizado nos aprisiona?

**Rubem Alves** – Por outro lado, tem a fala amorosa. É justamente a fala amorosa que vai ressuscitar o corpo, que vai fazer o corpo amar. Não precisa de Viagra. Então, você tem as duas coisas. Palavra é feitiço, esse poder para alterar o corpo. Tem uma magia negra e uma magia branca, tem uma magia ruim, e uma magia boa, uma magia que te paralisa e uma magia que lhe dá asa. A magia tem esse poder duplo, não tem jeito de fugir disto.

**Vidal Nunes** – É neste sentido que você fala, em um dos seus textos, que lamentava que Wittgenstein não havia mostrado o caminho do criar?

**Rubem Alves** – Ele era professor de filosofia, e como tal, restringia-se rigorosamente ao limite daquilo que podia ser falado. Não levava para os alunos aquilo de que ele se alimentava. Sozinho, ele se alimentava das coisas místicas, adorava Dostoievski. Quando ele dizia que aquilo que não podia ser falado devia ser calado, estava se referindo à sua própria experiência. Há um “mundaréu” de coisas que não podem ser faladas numa aula de filosofia. Numa aula de filosofia na Inglaterra, quando você fala algo, os professores querem saber precisamente o que você está querendo dizer com aquilo. Quando você começa a falar sobre o místico, não tem jeito de se pronunciar de forma precisa. Então ele se calou: isto foi revelado pelo pessoal que estudou a biografia dele, esse outro lado de como ele se nutria, se alimentava.

**Vidal Nunes** – E a importância da fala conceitual?

**Rubem Alves** – Eu acho que a fala conceitual é muito importante. É a fala da ciência, e a ciência é muito importante. Quando estou comunicando uma receita de cozinha, estou comunicando conceitos: farinha, trigo, ovos, etc., são todos conceitos. Para quê? Para produzir um bolo. Os conceitos são importantes para o corpo. É com o conceito que o corpo estabelece a rede das ciências.

O corpo morreria se vivesse só no mundo dos conceitos. Os conceitos podem ser asas ou podem ser gaiolas: é a ambivalência da linguagem. Não tem uma linguagem boa e uma ruim. As palavras podem ser usadas para segurar, como podem ser usadas para voar. Muita gente tem medo de voar, então prefere construir gaiolas. Gaiolas são carapaças. Você

pode construir um arcabouço, e isto acontece demais na universidade, no qual você está protegido: lá não penetra nada que não seja o que está lá dentro.

**Vidal Nunes** – A palavra poder ser a superfície de um mar agitado?

**Rubem Alves** – Não precisa ser agitado. A palavra é sempre superfície. Nisto Nietzsche e Freud concordariam. A consciência é uma superfície, não precisa ser agitada. Quando você tem a superfície lisa, você é um reflexo do que está lá fora. No caso freudiano, poderia ser na superfície mansa, mas de repente aparece uma irrupção vulcânica, o peixe salta, rompe. Aliás, a técnica do humor é sempre assim: você constrói uma superfície plana, e de repente você faz o peixe saltar.

**Vidal Nunes** – Podemos estabelecer níveis de expressão?

**Rubem Alves** – Claro! O corpo é uma coisa fantástica, ele toca muitas músicas. Uma paciente minha, referindo-se a uma entrevista que viu de um professor negro na USP, professor de geografia, disse que ficou absolutamente apaixonada por ele, que poderia ter um caso com ele. A gente começou a conversar sobre esta coisa interessante que é a beleza da pessoa. A beleza do corpo está na música que é tocada. Você pode ter um instrumento lindo que só toca besteira. Por isso tenho horror à fotografia. Na fotografia a música nunca é apreendida. Somente um fotógrafo hábil é capaz de captar a dança do corpo.

**Vidal Nunes** – Poderíamos perceber o corpo, em seus níveis de exteriorização, enquanto pura presença, expressão sensível (fala do corpo) e representação (fala sobre o corpo)?

**Rubem Alves** – Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, faz uma coisa mais ou menos assim: qual é a expressão máxima? É a razão. Antes da razão temos o quê? A arte. Depois, o senso comum. Você pode ter o senso comum como esta sabedoria do cotidiano, e você pode ter um nível aqui em baixo do puro sentir, do *ai*, é o corpo num nível quase que puramente animal. Tem-se uma manifestação linguística puramente biológica; depois, o conhecimento do senso comum; em seguida, a expressão artística, poética, metafórica e, por último, uma expressão racional. Você precisa colocar nesta ordem, mas isso já está presente na filosofia de Hegel.

**Vidal Nunes** – A música seria pura presença, puro sentimento?

**Rubem Alves** – Não, a música é arte, já é estruturação. Na primeira não se tem estruturação, apenas um berro animal não é música. Eu tenho um sentimento, pode até ser mais bonito que o de Beethoven, mas eu não faço música. Ela é uma estrutura que está para além do nível biológico. No outro nível, eu transformo esta experiência em comunicação estruturada. O sentimento em si não é belo. Se digo tenho saudade. E daí? Você toca uma música, *O luar do sertão*, aí então a saudade tem uma forma específica, está estruturada como comunicação. O puro sentimento não comunica. Vamos pensar na seguinte situação: aquela mulher está com um semblante triste. Ela está se comunicando, mas não é o sentimento em si; mas no semblante triste dela, há uma estrutura de tristeza. Então o puro sentimento não pertence à ordem da comunicação, ele é segredo da gente, é incomunicável, e só vira comunicação na hora em que você der estrutura, aí você pode compartilhar com o outro.

**Vidal Nunes** – E dar nome ao sentimento?

**Rubem Alves** – Não basta dar nome. Digo “estou com saudade”, mas qual é o jeito desta saudade? Fernando Pessoa dá até um exemplo. Vamos imaginar que eu tenho um sentimento de saudade. Mas como é a cara do meu sentimento? Aí eu vou procurar uma cena que se pareça com meu sentimento de saudade. Então vou descrever uma cena infantil, vou procurar uma que tenha analogia com a saudade, descrevo aquela cena, e o outro, se tiver tido uma experiência parecida, vai entender o que falei. É por isso que se diz que a arte é comunicação para os outros, da nossa identidade com eles.

**Vidal Nunes** – E as metáforas na ciência?

**Rubem Alves** – A ciência, a física, hoje está prescindindo da metáfora, porque usa mais equações matemáticas, cada vez mais abstratas. Antigamente, quando nossa ciência se iniciou, ela respondia à questão de como é o universo dizendo que ele era igual a uma mesa de bilhar. É visível, uma bola bate na outra, segue uma determinada direção. Depois outro dirá: o universo é uma mesa de bilhar, mas parece com uma onda. A mesa de bilhar é visível, mas a onde é invisível, a luz se propaga feito onda. Esta é a nossa forma de compreender por meio de analogia. Analogia

é quando você diz uma coisa parecida com outra. **A** parece **B**, eu não conheço **B**, mas conheço **A**. Então, conhecendo **A**, sei como é **B**, pois os dois tem uma estrutura analógica. Esta comunicação por analogia se constrói sobre uma crença que temos, uma crença metafísica de que o universo é todo ele uma série de analogias. Quem diz isto é Otavio Paz. Na Idade Média achavam que o universo era análogo ao corpo humano: se nós temos sete orifícios na cara, só pode ter sete planetas. Tudo é sete. O uso das analogias é um dos artifícios mais fantásticos para ensinar. Quando você usa uma boa metáfora, a pessoa entende na mesma hora. Os conceitos têm a função de dar precisão ao detalhe, mas a analogia e a metáfora dão a visão das coisas.

**Vidal Nunes** – Ela é a linguagem privilegiada do corpo?

**Rubem Alves** – Eu acho que é. O corpo trabalha com analogia, e é a partir da analogia dessa linguagem metafórica e poética que se desenvolveu então a linguagem conceitual para explorar as analogias.

**Vidal Nunes** – Da perspectiva do corpo, como compreender a experiência democrática?

**Rubem Alves** – Eu acho que a democracia é um desses sonhos da mente humana, a ideia de democracia se baseia na ilusão de que seres humanos são racionais. A democracia vem para substituir a ideia medieval de sociedade. No ideal medieval de sociedade o que interessava era a ideia de Deus. Deus determinava como era a sociedade, a verdade, a racionalidade da vida social. Se isto vai para o brejo, então temos que descobrir outro Deus. Qual é o outro Deus? É a razão. A sociedade tem ser construída racionalmente. Uma possibilidade é você adotar a solução platônica do rei filósofo, mas isto equivale à sociedade medieval. A Razão está centralizada na pessoa, seja o papa ou o rei. O Iluminismo vai dizer que a Razão é universal, todo mundo participa da Razão. O que está em jogo é a possibilidade de cada pessoa dizer o que ela deseja. Então temos a solução racional.

Isto não é verdadeiro. A democracia é uma estrela, um ideal que nunca corresponde à verdade. Dizemos que somos uma sociedade democrática, isto é mentira. O que a gente tem na verdade é um jogo de interesse o tempo todo. A democracia é um embate de poder, de grupo de

interesses distintos, que se valem de todos os meios: engano, dinheiro, propaganda, etc., para conseguir legitimação. Na sociedade autoritária, a lei, a legitimação é obtida por meio da força militar. A democracia, para evitar esse confronto militar, em comum acordo, defende que a batalha vai ser decidida por meio dos votos. No final das contas é sempre uma luta de classes entre interesses contraditórios.

**Vidal Nunes** – Há espaço para a solidariedade?

**Rubem Alves** – Há experiência de solidariedade? Acredito que a experiência de solidariedade é uma experiência solitária. Posso ser solidário com o meu próximo, eu tenho compaixão por alguém, mas não consigo descobrir como é que se têm formas socializadas de solidariedade. Não sei como pensar isto.

A sociedade se constrói sobre o pressuposto de que cada um dá um tiro em direção oposta, por isso você tem que ter a lei. A lei tem o poder de dizer aquilo que você não pode fazer, mas ela não pode dizer aquilo que você pode fazer, ela não tem o poder de determinar sentimentos. A lei não pode dizer que você tem que amar o seu próximo. Você não pode ter uma sociedade baseada na solidariedade, porque solidariedade é um sentimento, sentimento não pode ser mandado.

**Vidal Nunes** – Não faz parte dos desejos humanos as garantias de uma vida digna coletivamente?

**Rubem Alves** – Há muitas comunidades que tem isso. Há, por exemplo, comunidades religiosas. As comunidades se organizam em torno de desejos comuns, é isto que faz uma comunidade. Você pode ter um grupo que se organize em torno do vegetarianismo. Vou dar um exemplo: Existe uma comunidade pacifista nos EUA, há um filme sobre ela. É um grupo chamado AMISH, que fica perto de Filadélfia. É uma comunidade que vive hoje como vivia há duzentos anos. Eles são pacifistas, só que a comunidade é governada por leis férreas. Uma sociedade que vive em função de certos sentimentos, tem que depois estabelecer suas próprias leis. A lei diz o seguinte: você tem que fazer isto, você não pode se relacionar com a mulher do próximo, está proibido. Mas a lei não tem como determinar que você ame uma criança com fome. O sentimento não pode ser comandado. Então, em um primeiro momento, podemos

ter pessoas com sentimentos comuns. Por exemplo, eu e alguns amigos estamos querendo fazer uma comunidade em Pocinho<sup>13</sup>. Nada garante que meus filhos e netos vão ter os mesmos sentimentos que nós. Aliás, frequentemente, tenho visto experiências assim; comunidades com uma experiência formidável, mas que basta chegar a primeira geração de filhos para tudo acabar. Então, você pode manter a sociedade, mas com leis que determinem o que é proibido. Não pode bebedeira, não pode fumar maconha depois das vinte e três horas, etc. A sociedade não é feita de sonhos, a sociedade é feita de leis.

**Vidal Nunes** – Podemos ter sonhos em comum na América Latina?

**Rubem Alves** – Sim, claro que podem brotar sonhos comuns, sonhos que podem determinar movimentos que vão funcionar, como rios que transformam a vida em sociedade. Isto é pura verdade. Na sociologia de Max Weber<sup>14</sup>, isto corresponde àquilo que ele chamaria de movimento do carisma, uma grande explosão do amor. Passado este momento, você não tem sociologicamente isto permanentemente vivo. Ao carisma se sucede a burocracia.

**Vidal Nunes** – O sonho é necessário...

**Rubem Alves** – Eu acho que é, eu não estou negando. Inclusive, em um artigo que escrevi ao Paulo Renato, eu falei que um povo é feito de sonhos. Nós não somos povo, porque não temos sonhos, nós somos uma sociedade. Somos uma sociedade porque temos determinadas regras precárias, que ainda estão aí. Mas povo não somos. Eu acredito piamente que precisamos ter sonhos para podermos fazer alguma coisa, ainda que pequena. Sem sonho você não existe. O que eu quero dizer é que simplesmente não podemos transformar sonhos em leis. Uma das tarefas dos líderes é manter vivo os sonhos. A universidade para mim deveria ser um grande exemplo. O Zeferino<sup>15</sup> tinha um sonho, ele era um sonhador. Se

<sup>13</sup> Pocinho do Rio Verde, lugarejo pertencente à cidade de Caldas-MG, lugar onde Rubem Alves tinha um pequeno sítio e sempre ia para descansar.

<sup>14</sup> Cf. do autor *Economia e Sociedade: Fundamentos de sociologia compreensiva*. São Paulo: Imprensa oficial, 1999. Vol II.

<sup>15</sup> Zeferino Vaz (1908-1981) foi médico e fundador da Universidade Estadual de Campinas, instituição na qual Rubem Alves trabalhou por muitos anos. Eles eram muito amigos.

eu fosse reitor não ia querer jamais saber sobre orçamento da universidade. Eu mandaria isto para um administrador qualquer, contrataria uma firma para administrar a universidade. Eu iria querer lidar com os sonhos da universidade. Mas quando você começa a mexer com os sonhos, de alguma maneira, você tem que descuidar do poder.

**Vidal Nunes** – E sua querela com o Darcy Ribeiro?

**Rubem Alves** – A minha discórdia com o Darcy Ribeiro é por outra razão<sup>16</sup>. Primeiro porque ele não parava de falar. Segundo, porque achava que era a pessoa mais inteligente do mundo. E terceiro, porque ele concordou que o ideal dele era ser imperador, ele ia dar ordem e todo mundo obedecer. Talvez, a nossa diferença seja que o Darcy, antropólogo, achava que o grande sonho estava no passado. Eu achava que não, nós somos um povo sem passado, sem mitos. Eu acho que quem trabalha com os sonhos são os artistas, mas os sonhos dos artistas não são sonhos de recuperação do passado. No México, por exemplo, tem um passado perdido, que não fede e nem cheira. Nós temos que criar um sonho. Eu criei uma estorinha sobre o gato, o ratão e o queijo. O rato ficava no buraco e tinha do lado de fora um queijo enorme que era guardado por um gato. Todos os ratinhos olhavam juntos o gato grande. Que coisa maravilhosa, vamos socializar o queijo. Mas eles não podiam mexer com o queijo, pois havia um gato. Um dia o gato sumiu. Sabe o que aconteceu com o grande queijo? Quando um foi morder, achou que o outro estava dando uma mordida maior do que a dele. Aí eu disse que a diferença entre o gato e o rato era a seguinte: o gato é um rato que se apropriou do queijo.

**Vidal Nunes** – E sua crítica à esquerda?

**Rubem Alves** – Eu critiquei o PT por burrice, por autoritarismo e critico todas as vezes que for necessário. Por outro lado, escrevi a favor do Lula num artigo que ficou célebre. E dou tiro onde acho que é justo e no momento certo. Essa é a vantagem de você não ser de partido. Não sendo do partido você não está obrigado só na linha do partido.

---

<sup>16</sup> Aqui, fazemos referência a um debate ocorrido no final de agosto de 1995 entre Rubem Alves e Darcy Ribeiro, promovido pelo jornal *A Folha de São Paulo* e a Universidade Católica de São Paulo.

**Vidal Nunes** – O papel do partido seria a desintoxicação do corpo?

**Rubem Alves** – Quando leio filosofia não penso em nenhuma utilidade da filosofia. Um famoso matemático chamado Harvey, numa reunião de matemáticos, propôs um drinque famoso à matemática, por ela não ter nenhuma utilidade<sup>17</sup>. É claro que isto é mentira, com ela se faz bomba, se vai à lua. O que ele queria dizer é que a matemática não era para a utilidade, era para se divertir. Para mim, antes de mais nada, filosofia é um prazer, filosofia pertence à feira das fruições. Pode pertencer à feira das utilidades enquanto desintoxicadora do corpo. É aquilo que Wittgenstein falava do papel da filosofia: a luta contra o feitiço. Lembra quando eu falei da ambiguidade da palavra que pode ser magia negra ou magia branca? Na batalha contra o feitiço, a gente começa a ver as coisas com clareza. Então, a filosofia tem a função de dar alegria. Quando leio Nietzsche tenho muita alegria, do mesmo modo Ernest Cassirer, porque o mundo começa a ficar luminoso. Leio filosofia e o mundo começa a ficar luminoso, isto é, determinada filosofia.

**Vidal Nunes** – Por que a filosofia diz algo de novo e desfaz o que se tem?

**Rubem Alves** – As duas coisas, ela me faz ver. O filósofo aponta, olha isto aqui. É como se a gente estivesse em uma conversa, aí vem a luz de fora e a gente não está vendo a luz, só vê sombra. A filosofia de Platão, de Sócrates, tinha muito a ver com metáforas, com as imagens... a filosofia me abre os olhos.

**Vidal Nunes** – É a filosofia enquanto atitude clarificadora?

**Rubem Alves** – À medida que você tira as escamas dos olhos, passa a ver. É interessante que Wittgenstein dizia que a filosofia não tem que falar nada. Tem um texto dele no *Livro Marron*, em que ele diz que a filosofia não tinha que construir uma linguagem especial. O que você vê expresso em uma outra linguagem é libertação de uma mortalha, você pode dizer a coisa de uma maneira diferente. A filosofia não vai dizer o jeito certo. Ela me liberta de uma mortalha de palavras e me torna livre para dizer de outro jeito.

---

<sup>17</sup> Rubem Alves também cita este caso no seu *Livro sem fim*, p.103.

**Vidal Nunes** – E as afirmações sobre o mundo?

**Rubem Alves** – A afirmação sobre o mundo não precisa de filosofia, pode ser poesia, poder ser literatura. A fenomenologia é muito parecida com isto, de acabar com as palavras para vermos o mundo. O único objetivo da filosofia é ajudar você ver o mundo. Para Wittgenstein, se eu o compreendo corretamente, ver o mundo não é filosofia, a função da filosofia é abrir os olhos. A filosofia é necessária enquanto sofremos de uma cegueira, a filosofia é colírio para me livrar da cegueira.

**Vidal Nunes** – E o significado do mundo?

**Rubem Alves** – Tudo depende da definição que se tem de filosofia. O significado não está lá, sou eu quem estou inventando. Se estou dizendo esta coisa, o significado é meu. Posso chamar isto de filosofia, mas também posso dizer isto com literatura. Vou lhe dar um exemplo. Alberto Camus é filósofo? Eu diria que não. Ele tem toda uma visão do mundo, ele é fantástico, maravilhoso. Ele faz pensar, mas ele mesmo diz que não é filósofo. Ele faz literatura. Nietzsche faz filosofia no sentido wittgensteiniano, mas fazendo literatura. Contando parábolas ele está criando sentido para o mundo.

Os dois, Nietzsche e Wittgenstein, são muito parecidos, falavam que as palavras são bolsos. Wittgenstein tinha muita consciência disto. Os limites de minhas palavras denotam os limites do meu mundo. Ele nunca disse desse jeito, mas dizia, por exemplo, que nossas crenças em Deus devem-se a esta confiança na gramática. Ele sabia que eram as palavras, a briga dele era com as palavras.

**Vidal Nunes** – As palavras não dizem a essência de nada...

**Rubem Alves** – Não. Falo da questão de jogos. Qual é o certo? Não tem outro jeito de dizer, de falar; depende da hora e do contexto.

**Vidal Nunes** – Wittgenstein completa Nietzsche na sua reflexão pessoal no tocante à linguagem?

**Rubem Alves** – Nietzsche e Wittgenstein vieram me ajudar a desenvolver uma coisa que comecei a elaborar quando escrevi a tese de doutorado: a compreensão de que o mundo humano é todo estruturado pela linguagem. Isto foi muito bom, porque eu tenho competência para falar

sobre linguagem, então quando estou falando sobre Deus, não tenho a menor ideia do que ele seja. Eu estou fazendo uma brincadeira humana, estou dando cambalhotas com palavras. Isto me permitiu ser totalmente iconoclasta e brincalhão com as palavras da teologia, sem que isto me levasse a mergulhar em uma situação de incredulidade. De certa forma mantenho minha fé amorfa. Quais são os nomes que dou para esta confiança na beleza e no amor? Deus ou outra coisa qualquer. Quando estou lidando com linguagem não estou trabalhando com isto. Se eu critico Deus, falando que Deus morreu, como fez Nietzsche, não estou falando de Deus, mas mexendo com o fenômeno linguístico cultural. Estamos lidando com linguagem o tempo todo, somos como aranha em cima das teias que nós mesmos construímos.

**Vidal Nunes** – E a memória?

**Rubem Alves** – Você se lembra que escrevi uma crônica sobre Amilcar Herrera<sup>18</sup>, em que falei que ele sonhava acordar um dia, e ter esquecido de tudo? O nome é o bolso onde eu guardo todas as memórias a meu respeito, que determinam o que sou. Eu tenho que esquecer isto. Alberto Caieiro, em um dos seus poemas, fala da necessidade de esquecer a si próprio, para deixar de ser Alberto Caieiro, para poder sentir-se como um animal. Porque Alberto Caieiro é uma memória, é um jeito de sentir o que ensinaram para ele. É o que está em Roland Barthes quando fala do esquecimento.

Por outro lado, eu não posso perder minha memória. A questão é se a memória é uma gaiola ou asas. Eu acho que é isso. Posso ter uma memória que é mortalha, em que fico amarrado, como certas crenças que as pessoas têm de Deus. Tem uma outra coisa importante em um livro de Peter L. Berger<sup>19</sup>, em que ele diz que estamos permanentemente escrevendo o passado.

---

<sup>18</sup> Cf. *As melhores crônicas de Rubem Alves*, publicada pela Editora Papirus de Campinas, em 2008, p. 88-91. O título da crônica, *O nome*, também foi editada em outros livros do autor.

<sup>19</sup> Reconhecido sociólogo sueco, naturalizado americano, com o qual Rubem Alves dialogou. Entre as suas obras publicadas no Brasil encontramos *Perspectivas sociológicas*, publicado pela Editora Vozes, com várias edições. *Construção Social da Realidade*, também publicado pela Editora Vozes. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural* (Vozes, 1997); *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* (Paulinas, 1985).

A gente não tem um conjunto de memórias fixas. Na medida em que você vai passando pela vertigem, você pega aquele passado e reconstrói tudo. Porque na verdade, se eu fosse escrever minha vida, eu teria que escrever várias coisas diferentes. Se escrevesse minha vida na perspectiva do agora, eu veria meus quinze anos de um jeito. Se eu escrevesse na perspectiva dos quinze anos, seria outra coisa bem diferente.

**Vidal Nunes** – Passado e presente estão intimamente ligados numa relação de negação?

**Rubem Alves** – É como a cigarra que precisa romper o seu casulo para voar. O homem transbordante não é um homem sem memória, mas o homem que brinca com as memórias? A grande questão é o que você faz com a memória como carga. É a questão do camelo e da criança.

**Vidal Nunes** – O que Nietzsche quer dizer quando compara o corpo a um grande estômago?

**Rubem Alves** – Inclusive ele dizia que amava os estômagos cuidadosos, recalcitrantes, que não comiam de tudo. Desprezava as pessoas que engoliam de tudo, à maneira suína. Nisso estava se referindo aos cientistas, aquele que digere tudo que aparecer, em oposição aos sábios, que escolhe e seleciona. Veja o corpo da criança. Se ela é de peito só tem duas categorias: É gostoso? Engulo, se não for gostoso, cuspo. Essa é a dialética do corpo. O corpo vive na medida que ele é capaz de distinguir entre colocar dentro e colocar fora. Caso seja colocado dentro o que é para jogar fora, envenena-se e morre. Você precisa fazer esta distinção.

**Vidal Nunes** – E os caminhos de uma nova cultura?

**Rubem Alves** – Acho que não temos como determinar os caminhos de uma nova cultura. Nesse ponto acredito muito em Alberto Camus, quando fala que as coisas acontecem mansamente como indivíduos isolados. De repente, as pessoas começam a se dar conta, a perceber, a acordar do feitiço. Tenho a impressão que muita gente está acordando, estão falando as mesmas coisas, muito galo cantando do mesmo jeito, aí você descobre que, sem que a gente tivesse feito qualquer coisa, uma nova realidade cultural está existindo. Então, a questão não é criar uma cultura, a questão é a gente reconhecer uma tendência cultural que está surgindo, inclusive

isto ocorre na teologia. Quando comecei a falar sobre o corpo, ninguém falava nada sobre ele. Eu fui acusado de me vender para o imperialismo. Agora todos falam sobre o corpo.

**Vidal Nunes** – O que Norman Brown representou na sua reflexão?

**Rubem Alves** – Foi o primeiro<sup>20</sup> antes de Nietzsche, com o qual tive contato e que falou do corpo de forma articulada. Eu já sentia as coisas que ele falava<sup>21</sup>. O livro bom é aquele que, de repente, é capaz de juntar os pontos, se você já não tiver isto anteriormente o livro não lhe faz nada.

**Vidal Nunes** – É possível definir o corpo?

**Rubem Alves** – O corpo pertence às coisas míticas que não podem ser faladas. O corpo é Deus. Não existe algo mais alto no universo que o corpo. O corpo é capaz de sentir o universo inteiro. E, quando a gente fala de Deus, a ideia cristã de ressurreição está muito certa. É como se cada corpo fosse um pedaço de Deus e do demônio. Há corpos onde os demônios estão sendo gerados.

**Vidal Nunes** – Deus e o demônio estão presentes em um mesmo corpo?

**Rubem Alves** – É. Cada um tem uma luta. Em uns, Deus ganha; em outros, o Demônio ganha!

---

<sup>20</sup> Norman O. Brown (1913-2002), importante intelectual americano, amigo de Rubem Alves, com profundo conhecimento teológico e psicanalítico. No Brasil, foi publicado do autor o livro *Vida contra a Morte. O sentido psicanalítico da história*, pela editora Vozes, em 1972. Um dos livros de Rubem Alves, *Creio na ressurreição do corpo*, tem o título de um dos capítulos do livro de Brown.

<sup>21</sup> Para Rubem Alves, um bom livro não é apenas aquele que fala de algo totalmente novo, que eu desconhecia, mas aquele que é capaz de dar nome às coisas que já sentia e que não era capaz de explicitar. Por isso que ao lê-lo eu me encontro.